



A situação de publicação de “Joana D’arc” de Eça de Queirós

The context of publication of Eça de Queirós’ “Joana D’arc”

Giuliano Lellis Ito Santos<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo

**Resumo:** Este trabalho busca recompor o espaço de experiência histórica de leitura do artigo “Joana d’Arc”, de Eça de Queirós, publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro nos primeiros dias de setembro de 1894. Através de uma leitura de alguns jornais da época e tendo como ponto de referência o contexto de publicação, pretendemos entender quais elementos, externos ao texto, podem interferir em sua recepção contemporânea e quais significados podemos inferir dessa situação. Esta pesquisa deve desvendar algumas ligações entre os assuntos tratados em cada espaço do jornal e qual sua relação com o texto de Eça de Queirós.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós; *Gazeta de Notícias*; Contexto.

**Abstract:** This paper seeks to establish the space of historical experience of reading of the article “Joan of Arc” by Eça de Queirós, published in *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro in early September 1894. Through a reading of some actuals newspapers and taking as reference the publishing context, we aim to understand which elements external to the text, may interfere with its contemporary reception and meanings which we can infer that situation. This research should reveal some connections between the issues addressed in each newspaper space and what their relationship to the text Eça de Queirós.

**Keywords:** Eça de Queirós; *Gazeta de Notícias*; Context.

## 1. Antecedentes

Eça de Queirós foi assíduo colaborador da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, publicando em suas páginas, com interrupções, de julho de 1880 a fevereiro de 1896. A longa relação entre o escritor português e o jornal carioca deixa vislumbrar uma preocupação mútua em manter um diálogo aberto entre Europa e Brasil, mais especificamente entre as metrópoles europeias, Londres e Paris, e o Rio de Janeiro, oferecendo relatos e comentários de assuntos contemporâneos sob o ponto de vista conhecidamente crítico de Eça de Queirós.

Além disso, a presença dos textos de Eça de Queirós no Brasil remonta a um momento importante: a publicação de *As Farpas*, escritas em colaboração com Ramalho Ortigão. Devido à grande repercussão em Portugal, ocorre também a entrada desses textos no mercado

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (2015). Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011). E-mail: giuito@usp.br.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

brasileiro, como apontado por Arnaldo Faro, que, em um ensaio de seu livro *Eça e o Brasil*, afirma que o “sucesso em Portugal queria dizer contrafacção no Brasil” (FARO, 1977, p. 62). Uma versão pirata de *As Farpas* seria repreendida pelos próprios autores em 1872, numa declaração em que acusam:

A empresa da *Republica*, periodico do Rio de Janeiro, considerando  
1º que tem publicado por sua propria conta todos os volumes das *Farpas* escriptos pelos cidadãos Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão,  
2º Que d’essa exploração do trabalho d’outros tem cobrado os avultados lucros de alguns contos de réis,  
3º Que tem o titulo de *Republica* se não póde alliar em um periodico a ignorancia dos caracteres democraticos e legitimos que distinguem a propriedade, o capital e o trabalho. (ORTIGÃO et QUEIROZ, 1872a, p. 92)

Além desse entrave mercantil, o caráter crítico desses escritos causou polêmica no Brasil, mais especificamente em Pernambuco, onde um debate acalorado ocorreu nos jornais, juntamente com um movimento contra os portugueses residentes na região, tudo isso suscitado principalmente pelos textos em que Eça de Queirós e Ramalho Ortigão satirizavam a viagem de D. Pedro II a Portugal. Tal reação violenta marcou a existência de *As Farpas*, figurando na despedida que Ramalho escreve para Eça, quando este deixa a parceria (cf. MEDINA, 2000):

[...] estávamos requerendo do estado pingues empregos e rendosas colocações; em seguida que nada havia para nós de sagrado e que eramos as mais venenosas vboras que a sociedade tinha acalentado no seu seio. A este tempo um publicista brasileiro explicou que a secreta verdade a nosso respeito é que eramos *moedeiros falsos*. Deram-nos mais tarde descomposturas, disseram-nos insolencias, escreveram pamphletos, – são já sete ou oito os pamphletos com que nos teem distinguido – dirigiram-nos cartas anonymias; ameaçaram-nos de morte no continente, e prometteram-nos pauladas no novo mundo. (ORTIGÃO et QUEIROZ, 1872b, p. 11)

Outro momento marcante para o nome Eça de Queirós no Brasil é a publicação de *O primo Basílio*, que segundo Faro “foi posto à venda, em Portugal, no dia 28 de fevereiro [de 1878]. Em abril, já amplamente lido no Rio de Janeiro, provocava polêmica nos jornais e ensejava até ameaças de bordoadas” (1977, p. 131). Nessa época, o escritor português já era relativamente conhecido por causa de seus escritos polêmicos, mas a publicação de seu romance suscitou uma resenha que ajudou a consolidar seu nome como escritor no Brasil. A crítica de Machado de Assis a *O primo Basílio* e a *O crime do padre Amaro* gera um debate veiculado nos principais periódicos do Rio de Janeiro.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Pelo fim da década de 1870, Eça de Queirós ocupa um reconhecido espaço entre os escritores lidos no Brasil. Além disso, sua aura de polemista garante uma colaboração regular para a *Gazeta de Notícias*, iniciada em 1880. Seu primeiro texto intitula-se genericamente “Cartas de Paris e Londres” e inicia-se chamando atenção para os temas que irá tratar:

Começando estas Cartas de Paris e Londres, eu não direi como Lord Beaconsfield que “no mundo só há de verdadeiramente interessante Paris e Londres, e todo o resto é paisagem”. É realmente difícil de considerar Roma como um ninho balouçando-se de um ulmeiro, ou ver apenas no movimento social da Alemanha um fresco regato que vai catando por entre relvas altas. (QUEIRÓS, 2002, p. 55)

Neste trecho, notamos que o assunto de seus textos irá além da Europa estereotipada dos grandes centros que são Londres e Paris, tendo em vista que o autor oferece uma imagem irônica da fala do conservador Lord Beaconsfield. Nesse caso, o escritor português apresenta uma leitura propositadamente denotativa, que será utilizada para desqualificar o argumento do Lord, referindo-se a mudanças políticas recentes: a Unificação alemã e italiana. Dessa maneira, seu posicionamento quanto à delimitação oferecida por sua coluna demonstra uma proposta de extrapolar os temas, de ultrapassar as fronteiras de Londres e Paris. Assim, podemos notar que seus assuntos irão além dessas duas metrópoles como, por exemplo, em seus textos “A Irlanda e a questão agrária”, “Os ingleses no Egito”, “Os chineses e japoneses” ou “A propósito da doutrina Monroe e do Nativismo” etc.

Ao longo de sua contribuição para o jornal carioca, seus textos foram incluídos “em secções fixas sob diversos títulos (“Notas contemporâneas”, “Colaboração europeia”, “Ecos de Paris”, “Cartas familiares de Paris”, “Bilhetes d’aquém-mar”, “Bilhetes de Paris”)), quase sempre publicados na primeira página ou no rodapé da página, espaço destinado ao folhetim (QUEIRÓS, 2002 p. 18), o que, como mencionado anteriormente, não o impediu de extrapolar suas fronteiras.

Portanto, podemos entender que o nome de Eça de Queirós é suficientemente conhecido dos leitores brasileiros que leem a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, segundo sua trajetória na imprensa brasileira, seu estatuto de europeu, polemista, realista e romancista, o que influencia na recepção de seus textos. Desse modo, buscaremos dados que sinalizem as possibilidades de leitura no momento de sua publicação, através do exemplo do texto “Joana d’Arc”, publicado nos dias 2, 3, 4 e 5 de setembro de 1894. Por seu caráter pragmático, já que é um texto publicado num periódico diário e possui grande ancoragem em sua época,

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

comporta uma necessidade da reconstituição de seu contexto de leitura. Tal resgate, além de possibilitar uma análise das relações semânticas entre o entorno e o texto, também serve de parâmetro para não projetarmos indiscriminadamente nossos preconceitos e nossas expectativas de leitura.

As premissas para essa análise foram primeiramente recolhidas nas observações de Iser e Jauss sobre o leitor contemporâneo. Dessa maneira, Iser, em seu livro *O ato de leitura*, aponta que:

[...] se focalizamos o leitor contemporâneo, podemos fazer história da recepção. A recepção da literatura por um determinado público ganha então a primazia. Ao mesmo tempo, no entanto, as avaliações das obras refletem certas atitudes e normas do público contemporâneo, de modo que à luz da literatura se manifesta o código cultural que orienta os juízos. (ISER, 1996, p. 64)

Não tivemos sucesso em encontrar a recepção a este texto de imprensa. Contudo, acreditamos poder recompor o espaço de experiência do leitor através de seu entorno, dos textos presentes na mesma edição do jornal e que reflitam o código cultural da época.

Jauss, em sua análise do poema *Spleen*, de Charles Baudelaire, ressalta que:

[...] reciprocamente também a compreensão e interpretação estética necessitam da função controladora da leitura de reconstituição histórica. Esta evita que o texto passado seja adaptado ingenuamente aos preconceitos e às expectativas de significado de nossa época. Ela possibilita a compreensão do texto poético em sua alteridade, separando expressamente o horizonte passado do contemporâneo. (JAUSS, 1983, p. 312)

Por se tratar de um texto inserido em um jornal de circulação diária, parece que a reconstituição histórica é parte essencial, ainda que não reflita todas as mudanças de interpretação que um texto poético pode sofrer. Mesmo assim, podemos seguir a mesma questão colocada por esse teórico alemão para o poema de Baudelaire:

[...] a reconstrução do horizonte original recairia no historicismo, se a interpretação histórica não pudesse servir também para transformar a pergunta: “o que disse o texto?” em “o que o texto me diz e o que eu digo sobre o texto?” (JAUSS, 1983, p. 313)

Para nós, parece que buscar os índices da leitura histórica do texto de Eça de Queirós será uma forma de entender as mudanças sofridas em sua leitura e quais são os limites de nossa própria interpretação.

## 2. Contexto

Para uma visão mais específica do contexto, partimos da delimitação apresentada por Teun A. van Dijk: “[...] usemos a noção de ‘contexto’ sempre que queremos indicar que algum fenômeno, evento, ação ou discurso tem que ser estudado em relação com seu ambiente, isto é, com as condições e consequências que constituem seu entorno.” (DIJK, 2012, p. 19). Ainda que seja impossível dar conta de todos os elementos que compõem a totalidade do contexto, alguns índices ajudam a reconstituir um espaço de experiência da leitura contemporânea ao texto, auxiliando na reconstrução do horizonte de leitura histórico e pontuando possíveis interpretações.

Tal reconstituição segue dois níveis de relevância: uma *pragmática* e outra *semântica* (DIJK, 2012, p. 117). O primeiro nível recai sobre os elementos materiais da enunciação isoladamente e seus possíveis vínculos para a compreensão do texto; o segundo recai sobre a correlação do texto com outros discursos e como tal relação influencia no sentido.

### 2.1. Relevância *pragmática*

Por se tratar de um texto escrito, “Joana d’Arc” apresenta um hiato entre sua produção e sua recepção.

Quanto à produção, podemos supor que, utilizando como referência o assunto e a data de publicação desse texto, sua escritura ocorreu entre 27 de janeiro de 1894, data da assinatura de admissão da causa de beatificação de Joana d’Arc (ALBERT, 1998), e o primeiro dia da publicação do texto na *Gazeta de Noticias* em 2 de setembro de 1894. Levando em conta o tempo de transporte – e, para isso, podemos utilizar como referência o apontamento do próprio Eça de Queirós: “quinze dias separam providencialmente essas duas colméias [Lisboa e Rio de Janeiro]” (QUEIRÓS et MARTINS, 1995, p. 70) –, o texto pode ter sido enviado da Europa pelo menos duas semanas antes de sua publicação, portanto, 15 de agosto, mais ou menos.

Quanto à recepção, os dados são mais precisos. O texto é publicado nos números 244, 245, 246 e 247 da *Gazeta de Noticias*, saídos respectivamente nos dias 2, 3, 4 e 5 de setembro de 1894. Assim, supomos, por se tratar de um jornal diário, que o leitor contemporâneo tenha

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

contato imediato com seu conteúdo. Sendo assim, a recepção está inserida pontualmente no tempo, o que nos dá oportunidade de analisarmos o espaço de sua recepção.

A *Gazeta de Notícias* é publicada no Rio de Janeiro; portanto, o principal espaço de recepção é a, então, capital da república brasileira. No entanto, o jornal também é distribuído para outras cidades do país e de Portugal. Teremos como referência o Rio de Janeiro para traçar o perfil do leitor do jornal. Dessa forma, entendemos como potenciais leitores aqueles que eram alfabetizados, ainda que a leitura possa ser feita oralmente para os não-alfabetizados, e, por isso, vale destacar os números dos censos de 1872 e 1890 sobre a questão da instrução pública.

% DE HOMENS E MULHERES QUE SABIAM LER E ESCREVER NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO		
	1872*	1890**
<b>Homens</b>	<b>27,36%</b>	<b>67,73%</b>
<b>Mulheres</b>	<b>19,04%</b>	<b>53,58%</b>
<b>Total</b>	<b>23,38%</b>	<b>61,69%</b>

\* Os números levaram em conta somente os homens e mulheres livres maiores de 7 anos.<sup>2</sup>

\*\* Os números referem-se à população com mais de 15 anos.

Tabela baseada nos números dos Censos de 1872 e 1890.

Podemos notar que o número de pessoas que sabiam ler tem um crescimento considerável no intervalo de dezoito anos, mas ainda é baixo, se comparado aos números de hoje em dia. Outro dado importante é a relação entre o número de homens e mulheres considerados aptos à leitura, o que apresenta uma diferença significativa.

O leitor para o qual o texto se destina parece estar delineado como brasileiro ou, mais especificamente, carioca e homem, que possui certo interesse em política brasileira e europeia. Afinal, o jornal mantinha, além de seus colaboradores locais, uma rede de correspondentes internacionais na França, Itália, Alemanha e Portugal (MINÉ, 2005, p. 225), como notamos em alguns pontos de seu prospecto apresentado em seu primeiro número:

<sup>2</sup> O censo de 1872 conta entre os escravos 79 homens (0,05%) e 28 mulheres (0,02%) como capazes de ler e escrever.

# AFLUENTE

## Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A *Gazeta de Noticias* publicará diariamente todos os telegrammas politicos e commerciaes, tanto do paiz como do estrangeiro.

[...]

Além d'um folhetim-romance, a *Gazeta de Noticias* todos os dias dará um folhetim de actualidade.

Artes, litteratura, theatros, modas, acontecimentos notaveis, de tudo a *Gazeta de Noticias* se propõe trazer ao corrente os seus leitores. (GAZETA DE NOTICIAS, 1875, p. 1)

Nomes como os de Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Guilherme de Azevedo assinavam as notícias advindas da Europa, enquanto nomes como os de Machado de Assis, Domício da Gama, Valentim Magalhães, assinavam crônicas em que comentavam os acontecimentos nacionais. Assim, podemos caracterizar que o jornal se destacava pelo direcionamento sócio-cultural (MINÉ, 2005, p. 224), pois, além de noticiar, oferecia comentários históricos, políticos e literários.

Ainda outro índice pode ser destacado no âmbito da relevância *pragmática*: o emissor. Nesse caso, temos que desdobrá-lo em dois, o veículo de suporte do texto e o valor simbólico ligado ao nome do autor. Assim, a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro possui um espaço privilegiado entre o público, conquistado durante sua breve existência e que desde seu surgimento se caracterizava por ser, segundo Nelson Werneck Sodré, um “jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar” (SODRÉ, 1999, p. 224). No ano de 1894, consta no cabeçalho deste jornal que o número de exemplares impresso é de 40.000. Portanto, um veículo preocupado em alcançar o grande público, seguindo uma proposta democrática. Elza Miné, ao fazer o perfil do diretor desse jornal, Ferreira de Araújo, aponta que:

[...] se fez notório o empenho de Ferreira de Araújo em prol de uma “democratização” da imprensa, mediante o barateamento do jornal (a *Gazeta*, quando de seu aparecimento em 2 de agosto de 1875 custava 40 réis o número avulso, que passou a ser vendido diretamente ao público) e também o seu apoio a toda uma geração literária e artística nacional. (MINÉ, 2005, p. 224)

O escopo e a política do periódico ancoravam-se em seus colaboradores, contendo nomes conhecidos do meio literário brasileiro e europeu. O nome de Eça de Queirós figura continuamente, com alguns períodos de ausência, desde 1880. Além disso, seu nome ficou bastante conhecido no Rio de Janeiro depois da polêmica produzida pelo seu livro *O primo Basílio*, principalmente depois da publicação da crítica de Machado de Assis, saída em *O Cruzeiro* no dia 16 de abril de 1878.

# AFLUENTE

## Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Na *Gazeta de Notícias*, Eça de Queirós publicou 58 textos completos em 116 números do jornal carioca, fazendo com que seja considerado como um dos grandes colaboradores. Assim, podemos supor que a presença de seus textos era reconhecida e talvez até mesmo esperada, ainda que sua colaboração não tivesse uma regularidade rigorosa.

O tema mais constante de seus textos era a Europa. Por exemplo, no ano de 1894, ele publicou 12 textos, sendo que 11 deles apresentavam relatos e comentários da Europa e um deles versava sobre a Primeira Guerra Sino-Japonesa, sem deixar de explicitar, neste artigo, sua visão ocidental e pitoresca, como podemos notar no trecho a seguir:

O que dele [do “País ermitão” (China)], na Europa, nós melhor conhecemos, por estampas, é a figura dos habitantes, homens esguios graves, de longos bigodes pendentes, que usam o mais extraordinário chapéu de que reza a história das modas, o formidável chapéu coreense, muito alto, muito pontiagudo, e de abas tão vastas, que sob ele um patriarca pode abrigar toda a sua descendência, os seus móveis e os seus gados. (QUEIRÓS, 2002, p. 527)

Sobre o conhecimento que o escritor português possuía do Brasil, podemos afirmar que ele não era empírico, era, provavelmente, recebido através de relatos de amigos ou da leitura de poucos periódicos brasileiros ou luso-brasileiros. Portanto, Eça cumpria a função de relatar e comentar a Europa para os brasileiros mesmo sem conhecer a fundo este povo e seus hábitos, porém os leitores brasileiros estavam certamente habituados a sua escrita irônica.

## 2.2. Relevância Semântica

O artigo de Eça de Queirós foi publicado em quatro números consecutivos da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e ocupou, não em todos os números, um espaço na primeira página: nos dias 2, 3 e 5 de setembro, o texto aparece na primeira página, porém no dia 4 a primeira página é ocupada pela notícia do suicídio do maestro Marino Mancinelli, deslocando o texto de Eça de Queirós para a segunda página.

A distribuição do artigo de Eça no espaço do jornal regula a forma de tratamento da notícia. No caso da *Gazeta de Notícias*, temos na primeira página, nos números em que saiu o texto “Joana d’Arc”, à esquerda, os telegramas com notas curtas e diárias advindas de diversas cidades do Brasil e estrangeiras; segue o boletim do congresso, quando há sessão no dia anterior, que em alguns casos pode ser antecedido por uma crônica; em seguida, temos as notícias nacionais e municipais; à direita, duas colunas são ocupadas pelo texto de Eça de



# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Queirós, que é seguido por alguns breves relatos municipais e nacionais. Quanto à colocação do texto, excepcionalmente publicado na segunda página no dia 4 de setembro, ele ocupa as duas colunas da direita, iniciando a página e cumprindo o papel de continuidade da primeira página.

O espaço à esquerda garante ao texto ali colocado o estatuto de comentário, pois o leitor, numa leitura linear, já passou pelos telegramas e notícias do congresso, além das crônicas. Assim, o texto de Eça de Queirós caracteriza-se como comentário da situação europeia, sem a preocupação de noticiar, já que esta função, entende-se, tenha sido cumprida nas colunas anteriores.

“Joana d’Arc” é um título atribuído posteriormente, quando alguns textos de Eça de Queirós foram reunidos em volume em 1907. No jornal, esse artigo não apresenta título, mas é apresentado com a designação da coluna, “Cartas familiares de Paris”, nome que demonstra certo desejo de aproximação entre emissor e receptor através do termo “familiar”. Além disso, a forma carta, como indicado pelo nome da coluna, é respeitada pelo autor, que inicia seu artigo com a saudação “Meus amigos” e finaliza com sua assinatura.

O assunto de Eça de Queirós é Joana d’Arc e sobre esse mesmo tema, mais ou menos um ano antes, aparece um texto de refutação à crítica de um livro intitulado “O homem através dos mundos”, que é assinado por José Balsamo.<sup>3</sup> O artigo mencionado acima aparece na parte do jornal intitulada “Publicações a pedido”, geralmente presente na segunda página do periódico carioca. José Balsamo discorre longamente sobre uma reprimenda “a que o crítico chama um grande erro histórico, que contém uma acusação deshonrosa contra o catholicismo” (BALSAMO, 1893a, p. 2).

Nessa resposta, o autor defende a mediunidade de Joana d’Arc e entende que sua canonização seria um sintoma de aproximação entre as religiões espírita e católica, pois, segundo o autor, ao canonizar a *Pucelle*, também “santifica o princípio da mediumnidade” (BALSAMO, 1893a, p. 2). Além da polêmica religiosa, o artigo apresenta elementos para recompor a história de Joana d’Arc, passando pelos processos de condenação, reabilitação e de canonização, cujo início da discussão se espraia a partir do pronunciamento do panegírico do Mons. Dupanloup, em Orléans, em 8 de maio de 1869, e ganha muita força a partir da década de 1870.

<sup>3</sup> O texto de José Balsamo sai com a ordem invertida: a terceira parte sai em 18 de setembro de 1893, a primeira parte sai em 3 de outubro de 1893 e a segunda em 8 de novembro de 1893.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Além desse texto, publicado no ano anterior ao de Eça de Queirós, outros discursos contribuem para construção do espaço de experiência do autor e do leitor. Tendo como exemplo os jornais *Figaro* e *Times*, respectivamente de Paris e de Londres, podemos notar que a notícia da assinatura de aceite do processo de beatificação de Joana d'Arc foi veiculada em notas breves. Portanto, no dia 28 de janeiro de 1894, o *Figaro*, em nota lacônica, na parte de notícias estrangeiras, relata: “Jeanne d'Arc a été déclarée aujourd'hui vénérable” (FIGARO, 1894, p. 2). Sem esquecer de mencionar que, desde 1869, haviam debates sobre a utilização da imagem de Joana d'Arc pela Igreja ou pela República. No dia 29 de janeiro de 1894, o *Times* apresenta uma nota incluída na página 5, como notícias do estrangeiro, intitulada “Beatification of Joan of Arc”, em que, além do relato a aceitação pelo Papa do processo, aponta para o que chamam de predição de Shakespeare: “No longer on St. Denis will we cry,/But Joan la Pucelle shall be France's saint” (BEATIFICATION, 1894, p. 5). Portanto, o autor e o leitor possuíam um quadro bastante amplo para uma reflexão crítica sobre o assunto.

Desse modo, o assunto do texto de Eça de Queirós, mesmo com a distância de mais de um ano se comparado com o artigo de Balsamo ou de nove meses se comparado com as notícias do *Figaro* e do *Times*, parece não ser novidade, o que permite caracterizá-lo essencialmente como comentário, mesmo que ele introduza seu texto por um relato, fazendo com que haja concordância com a função mais específica do jornal, noticiar:

Aconteceu uma desgraça a Joana d'Arc. A Donzela de Orléans, a boa e forte lorena, salvadora do Reino de França, foi beatificada pela Igreja de Roma. E (sem malícia voltairiana o digo) com a sua entrada no Céu ela está perdendo o prestígio que tinha na Terra, e a sua santidade já irremediavelmente estragou a sua popularidade. (QUEIRÓS, 2002, p. 499)

Somente após colocar o assunto de seu texto numa nota rápida, o autor passa então a comentar e analisar as transformações que a figura de Joana d'Arc sofre através do tempo na literatura, história, política e religião.

Por outro lado, ainda resta estabelecer a possível relação que tal assunto pode ter com outros discursos presentes no mesmo número da *Gazeta*. De início, podemos destacar que o aceite do processo de beatificação não foi noticiado pela *Gazeta de Notícias*. Em janeiro de 1894, o jornal preocupava-se em dar notas diárias sobre a Revolta da Armada, que ocupava o espaço à direita da primeira página, geralmente antecedida ou sucedida por uma crônica.

# AFLUENTE

## Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Quanto aos números em que o texto de Eça de Queirós foi publicado, podemos dividir em dois grupos: as notícias nacionais e as internacionais. Afinal a própria configuração da Gazeta oferece esta divisão, pois se apresentavam em dois blocos na primeira página. Os “Telegrammas” e as “Cartas familiares de Paris” dão conta de conteúdos internacionais e estão posicionados à direita e à esquerda da página, respectivamente; o “Boletim do congresso”, “A semana” e artigos avulsos dão conta de conteúdos nacionais. Na ocasião em que o texto de Eça de Queirós sai na segunda página, ele é o único a tratar de conteúdo internacional neste espaço.

Algumas dessas informações parecem ajudar a compor um quadro, que nos possibilita entender o espaço de experiência do autor e do leitor. Por exemplo, no dia 2 de setembro, nos “Telegrammas”, temos duas notas que chamam atenção. A primeira é uma nota de Londres sobre a saúde do Conde de Paris, que se repete no mesmo espaço do jornal nos dias 4 e 5 e tal tema será assunto do próximo artigo que Eça irá publicar nos dias 4 e 5 de novembro desse mesmo ano. A segunda nota que chama atenção diz respeito à Guerra Sino-Japonesa em telegrama de Paris, intitulado “China e Japão”:

Novos telegrammas de procedência chinesa declaram que o ataque do porto Arthur pelos jornais japonezes não se verificou, estando essa posição preparada pra resistir energicamente a qualquer invasão do inimigo.

Noticias recebidas da Coréia dizem que os japonezes atacaram a posição de Porto Arthur, ocupada pelos chineses; por enquanto ignora-se o resultado da operação.  
(GAZETA DE NOTICIAS, 1894, p. 1)

Além dessas notas, o jornal de 5 de setembro apresenta um texto mais extenso comentando um artigo sobre essa guerra, saído no *Temps*, de Paris, em que trata das causas de tal conflito. Tal assunto será tratado por Eça de Queirós em texto publicado nos dias 1, 2, 3, 4, 5 e 6 de dezembro do corrente ano.

Outro destaque são uma nota e um artigo que tratam das ações anarquistas na Espanha e de uma medida contra a imigração de anarquistas para os Estados Unidos. Além disso, podemos ressaltar um texto do dia 5 de setembro intitulado “Execução de Caserio”, em que se conta o último dia de um anarquista, narrativa que termina com as palavras do condenado: “viva a anarquia” (GAZETA DE NOTICIAS, 1894c, p. 2). Tal assunto é tratado por Eça “com clareza e riqueza de detalhes em uma série de artigos” (SIQUEIRA, 2007, p. 116). Esses artigos foram analisados por José Carlos Siqueira em sua dissertação de mestrado, onde lista os seguintes textos que se reportam aos atos anarquistas na Europa na *Gazeta de*

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

*Noticias*: “A Espanha” (janeiro de 1894), “Os anarquistas” (fevereiro de 1894), “Outra bomba anarquista” (abril de 1894), “Carnot” (julho de 1894) e “A morte e o funeral de Carnot” (Agosto de 1894).

Os paralelos entre as matérias noticiadas em outros espaços do jornal e os textos de imprensa do escritor português são exemplares para a caracterização de seus escritos (ou, mais especificamente, o texto que tratamos nesta análise), como comentário de um acontecimento, ensaiando uma opinião sobre o assunto, já que trabalha com a informação já dada.

Por outro lado, quando olhamos para as informações nacionais, notamos que pode haver uma ligação semântica, seja ela advinda do autor, seja do leitor. Por exemplo, a Revolta da Armada, ocorrida entre setembro de 1893 e março de 1894,<sup>4</sup> ainda fazia eco na *Gazeta* em setembro de 1894. Ao lado dos textos de Eça de Queirós, alguns textos faziam referências diretas à Revolta, como no “Boletim do congresso” de 2 de setembro de 1894, em que lemos um debate sobre a fixação das forças de terra como forma de defesa a ataques contra a cidade. Nesse mesmo número, deparamo-nos com a notícia do julgamento de dois militares acusados de terem relação com a revolta. Em 4 de setembro de 1894, um artigo mais extenso discute a cessação do estado de sítio e a manutenção de alguns prisioneiros, o autor reconhece que medidas para a repressão são necessárias em momentos de crise, porém rejeita sua permanência depois de acabada a revolta, como podemos ler na conclusão de seu texto:

A revolta recente foi uma lição de que por muito tempo se não de lembrar os espiritos irrequietos e ambiciosos; a repressão d’ella, repetimos, foi um exemplo util e moralizador; mas o perigo passou e a vigilância que todo o governo conscio do seu dever e da sua força é obrigado a exercer sempre, a bem da ordem publica e da estabilidade das instituições, não precisa de usar de meios irregulares, porque a lei fornece elementos para agir com a precisa energia dentro dos limites traçados por quem tem autoridade para o fazer. (GAZETA DE NOTICIAS, 1894b, p. 1)

Ainda neste número, temos um requerimento de Gabriel Salgado à mesa da câmara, que pede explicações sobre algumas medidas tomadas durante a revolta e que permanecem no dia-a-dia carioca.

<sup>4</sup> No dia 4 de setembro de 1894 reproduz-se um requerimento de Gabriel Salgado, em que lemos: “considerando que a revolta na bahia o Rio de Janeiro terminou a 13 de março do corrente anno pela fuga dos revoltosos” (GAZETA DE NOTICIAS, 1894b, p. 2). Tal requerimento pede explicações sobre a manutenção de forças federais na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Como último destaque deste tema, vale destacar uma breve nota de 5 de setembro de 1894, em que lemos “o Sr. ministro da fazenda declarou que a fazenda nacional não se responsabiliza pelas avarias sofridas durante a revolta por mercadorias depositadas em estabelecimentos particulares” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1894, p. 1).

Podemos perceber através de alguns textos desses quatro números da *Gazeta de Notícias*, que o episódio da Revolta da Armada ainda era vivo no imaginário carioca, o que nos leva a questionar se haveria alguma relação que o leitor contemporâneo pudesse fazer com o texto de Eça de Queirós. Aproximação parecida oferece-nos Siqueira, quando analisa os textos de imprensa sobre os anarquistas escritos pelo escritor português, e sugere que as bombas nacionais mencionadas no final de “Os anarquistas” referem-se às que foram atiradas por encouraçados durante a Revolta da Armada (SIQUEIRA, 2007, p. 147).

Outra revolta que também é noticiada pela *Gazeta de Notícias* é a Revolução Federalista (1893-1895). Nesse periódico, ficam patentes as consequências dos confrontos, ao menos nas edições que são foco desta análise. Em dois números, encontramos referência a esse acontecimento, nas publicações de 2 e 5 de setembro de 1894: a primeira nota, incluída no “Boletim do congresso”, diz respeito ao julgamento do Coronel Adriano Pimentel, condenado pela capitulação de Tijucas, um dos pontos de resistência do Governo Federal, tomada pelos Federalistas em janeiro de 1894; a segunda trata de uma relação dos oficiais e praças mortos no Cerco da Lapa (janeiro-fevereiro de 1894), que durou 26 dias e marcou o ponto de virada para o Governo Federal, que até aí perdia espaço na região sul do país.

### 3. O gênero e seu horizonte histórico de leitura

Quanto ao gênero em relação ao espaço em que o texto ocupa no jornal e a nomeação das colunas, podemos levar em consideração duas categorias: cartas e crônicas.

Desse modo, podemos considerar o texto “Joana d’Arc” como uma carta, pois apresenta uma forma particular de início, uma saudação (“Meus amigos”). Outro ponto relevante de tal designação é o de que este gênero apresenta a característica de manter uma distância física entre emissor e receptor, configurada pela função desempenhada por Eça, que era correspondente internacional da *Gazeta de Notícias*. Por outro lado, é necessário uma proximidade de interesse no assunto a ser tratado pela carta. Além disso, o nome dado à coluna, “Cartas familiares de Paris”, carrega essas duas características.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Por outro lado, o espaço ocupado por esse texto é designado geralmente à crônica, gênero escorregadio, mas que mantém relação primordial com o tempo, como notamos na descrição de Davi Arrigucci Jr.:

A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 53)

O texto de Eça de Queirós é um ótimo exemplo para a caracterização de Davi Arrigucci, pois comenta um acontecimento próximo a sua publicação e reflete sobre a própria fugacidade dos discursos, quando coloca a multiplicidade de representações por que passa Joana d'Arc. Além disso, o escritor português já havia nomeado seus textos publicados na *Gazeta* como “Crônicas de Londres” em outro momento. Infelizmente, esta designação apresenta outros problemas, como o apontado por Elza Miné na introdução aos *Textos de Imprensa IV*, de Eça de Queirós:

A crônica, sempre uma escrita do tempo, tendo historicamente nascido naquele espaço geográfico do jornal, pode ser quase tudo: desde focalizar qualquer *flash* da atualidade, ou desenhar um perfil político (é o caso, por exemplo, de “O imperador Guilherme”), até aparentar-se com o ensaio, donde a referência aos “artigos” de Eça. (Apud QUEIRÓS, 2002, p. 19)

Dentro de uma caracterização histórica, esses dois gêneros serviriam para uma discussão, provavelmente com vantagem para a crônica, até mesmo por sua forma mais elástica. Estabelecer qual gênero é característico do texto facilita no entendimento de sua recepção, por isso, neste ponto, preferimos a designação de crônica. O leitor, contemporâneo à primeira publicação do texto, buscará os elementos de tal gênero, o foco em um evento atual e seu comentário livre, caracterizado pelo humor. Tal texto distingui-se pelo desvio que faz da notícia e, diferentemente do folhetim, ainda mantém, em algum nível, relação com o relatar. Além disso, seu teor crítico oferece ao leitor uma forma diversa de olhar para a informação.

#### 4. Joana d'Arc na *Gazeta de Notícias*

A instabilidade da Primeira República é patente nas revoltas tratadas anteriormente. A figura de Joana d'Arc pintada por Eça de Queirós está inserida neste quadro que configura de forma breve o espaço de experiência do leitor. Portanto, é possível fazermos alguns paralelos. Joana d'Arc não possui, nesse momento, uma imagem única; pelo contrário, ela possui estatuto plural, carregando os atributos de jovem, guerreira, feiticeira, travestida, *Pucelle* (virgem), prostituta, pobre pastora (*paupercula bergereta*), vidente, republicana, santa, etc. Eça de Queirós explora todos estes elementos, demonstrando como cada um representa um momento de apropriação de sua figura. Para ficarmos com um exemplo, podemos destacar a caracterização que o escritor português concebe através da literatura francesa, passando por Chapelain que:

Com tão difusa pieguice e patetice celebrou este cruel homem durante trinta intermináveis cantos a virgindade de Joana, que ninguém mais depois pôde pensar nessa virgem sem ter a tentação de lhe troçar a virgindade. O poema era tão tolo, que pedia represálias. (QUEIRÓS, 2002, p. 502)

Em seguida, o autor cita a represália que é feita pela paródia de Voltaire em sua “famosa e conhecida gaiatice” (QUEIRÓS, 2002, p. 502), a que deu o nome irônico de *La Pucelle*.

A figura multifacetada de Joana d'Arc construída através dos séculos facilita sua apropriação por parte de mais de um movimento contemporâneo. No caso da leitura de Eça de Queirós, o foco é na luta entre a Igreja Católica e o Estado Republicano francês, que tentam incorporar o nome e a imagem de Joana em suas representações.

Como apontado anteriormente, o artigo, logo em seu início, reserva a vitória à Igreja que beatificou Joana d'Arc (o processo só se consolidará em 18 de abril de 1909, porém fora iniciado em janeiro de 1894), colocando-a no rol de suas santas, apossando-se de suas representações e impedindo a apropriação de sua figura pela República francesa, como uma imagem laica.

Essas representações de Joana d'Arc colocadas no texto de Eça de Queirós – como as versões ambivalentes de Borguinhões e Armagnacs, de Inglaterra e França, de Chapelain e Voltaire, de Igreja e Estado, entre outras – apontam para um esvaziamento, que, ao final do texto, numa projeção no futuro, fica esclarecido pela fala de um arqueólogo diante de uma

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

estátua da santa Joana d'Arc: “– Essa? É uma Santa Joana das muitas Santas Joanas, que fez não sei que milagres, numa batalha com ingleses, para os lados de Reims ou de Orléans” (QUEIRÓS, 2002, p. 515).

Todavia, neste tempo não havia como negar a ligação de Joana d'Arc com o povo francês, ligação que também foi notada e apontada por Eça no início de seu texto:

Não havia, contudo, figura da história aperfeiçoada pela lenda, que fosse mais popular em França que Joana d'Arc, a *Pucelle*. Também nenhuma outra concorda mais estreitamente com os gostos, os ideais e as qualidades melhores da raça francesa. (QUEIRÓS, 2002, p. 499)

A identificação popular e histórica com Joana d'Arc parecia um ganho necessário tanto para a República, quanto para a Igreja, que tinham interesse político em aproximar tal imagem de si e atrair, em consequência, a aceitação do povo. Vale lembrar que o mito de Joana d'Arc foi retomado em 1869, com o panegírico de Mons. Dupanloup, muito próximo da derrota na guerra franco-prussiana, o que justifica a afirmação de que a “*héroïsation* qui, après 1870, se nourrit de la conjoncture et d'un hasard heureux: une Jeanne normande ou poitevine aurait moins parfaitement incarné le projet de reconquête des provinces de l'Est” (ALBERT, 1998).

No Brasil da Primeira República, o texto de Eça de Queirós poderia ser lido como uma nota de busca da consciência nacional. Consciência comentada por um articulista em artigo de 3 de setembro de 1894, numa abordagem positivista típica do período:

Pensamos que quanto interessa ao Brasil a nós todos, qualquer que seja o nosso Estado ou região nos deve interessar. A conservação e a solidificação da unidade nacional, que por sua vez para ser consciente, e portanto forte, precisa firmar-se no conhecimento exacto que do nosso paiz tenhamos. Estudar e divulgar os factos de ordem social que a cada um dos Estados que o compõem respeitam é servir essa obra entre todas excelente. (GAZETA DE NOTICIAS, 1894a, p. 1)

Então as revoltas com teor monarquista, como a Revolução Federalista e a Revolta da Armada, e o aumento na entrada de estrangeiros após a abolição fazia com que se buscasse uma identidade nacional, que era apresentada pelo autor português como abstrata e passível a desvios de percurso.

Portanto, se olharmos de modo mais detalhado, podemos fazer um paralelo que talvez venha a elucidar nossa leitura. Por exemplo, a primeira página da *Gazeta de Noticias* do dia 2 de setembro de 1894 apresenta, como demonstrado acima, breves relatos que mencionam a



# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

Revolta da Armada e a Revolução Federalista; dois deles referem-se a julgamentos de participantes da ação e outro sobre a segurança da cidade. Notemos que a parte do texto de Eça de Queirós publicada nesse dia, traz como tópico a oficialização da beatificação de Joana d’Arc, além de uma explicação sobre sua identificação com a França através de seu povo. A figura de Joana d’Arc está diretamente ligada à resistência francesa contra os ingleses e a constituição de uma identidade nacional. No Brasil de 1894, o estado de sítio era o estado normal em que a sociedade se acostumou a viver e o poder do presidente Floriano Peixoto, eleito como vice e feito presidente após a renúncia de Deodoro da Fonseca, teve que ser imposto, o que o fez merecer a alcunha de “Marechal de Ferro” ou “Consolidador da República. Portanto, o paralelo entre a consolidação da nação francesa, ao menos como se interpretava a história francesa no século XIX, frente aos ingleses e a consolidação da República brasileira, é uma relação possível neste momento, constituindo o horizonte de leitura histórico. Nesse sentido, o resgate de Joana d’Arc depois de 1871, com a derrota francesa na guerra franco-prussiana e a sublevação da comuna de Paris, representa a vontade de restaurar a nação como república depois dos anos do segundo império francês, com Luís Napoleão no poder. Em nossa opinião, isso acaba por configurar uma relação com o Brasil, que sofria com os ataques da oposição, fossem políticos, fossem militares, à república recém declarada.

Entendemos que os paralelos possíveis não ocorrem somente com as revoltas, eventos inseridos na história brasileira, mas, dentro da infinidade de combinações que um jornal apresenta, pareciam os mais prováveis. Claro que a relação entre o anúncio da venda de uma máquina de costura e a imagem de Joana d’Arc fiando pode fornecer um paralelo importante para o leitor, porém alguns paralelos são indecifráveis ou pouco representativos, mesmo que façam parte efetiva do espaço de experiência do leitor histórico.

Por fim, o objetivo desta análise foi recompor, através de algumas pistas, o contexto do artigo “Joana d’Arc”, de Eça de Queirós. Tal leitura buscou resgatar alguns elementos relegados a segundo plano, mas característicos da transitoriedade do jornal, traço ressaltado por Antonio Candido: “Ela [a crônica] não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.” (CANDIDO, 1992, p. 14). Acreditamos que tais elementos ofereçam suporte para uma análise mais detalhada do texto, o que será feito numa segunda etapa do trabalho.

## Referências

ALBERT, Jean-Pierre. Saintes et héroïnes de France: entre l'église et la république (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle). In: **Terrain**. n° 30, março 1998. Disponível em: <http://terrain.revues.org/3425>. Acesso em: 27 de setembro de 2015.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. **Enigma e comentário: Ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

BALSAMO, José. O homem através dos mundos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1893, p. 2.

\_\_\_\_\_. O homem através dos mundos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1893a, p. 2.

\_\_\_\_\_. O homem através dos mundos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1893b, p. 2.

BEATIFICATION of Joan of Arc. **The Times**. 29 de janeiro de 1894, p. 5.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e contexto**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARO, Arnaldo. **Eça e o Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1977.

FIGARO. Paris, 28 de janeiro de 1894.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1875.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1894.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1894a.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1894b.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1894c.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, pp. 305-358.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MEDINA, João. **Eça de Queirós antibrasileiro?** Bauru/SP: EDUSC, 2000.

MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo, ponte entre Brasil e Portugal. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 8, p. 221-229, dez. 2005.

ORTIGÃO, Ramalho; QUEIROZ. **As Farpas: Chronica mensal da politica das letras e dos costumes**, 2º Anno, julho a agosto de 1872. Lisboa: Typographia Universal, 1872a.

# AFLUENTE

*Revista Eletrônica de Letras e Linguística*

\_\_\_\_\_. **As Farpas:** Chronica mensal da politica das letras e dos costumes, 2º Anno, novembro de 1872. Lisboa: Typographia Universal, 1872b.

QUEIRÓS, Eça de; MARTINS, Oliveira. **Correspondência.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1995.

QUEIRÓS, Eça de. **Textos de imprensa IV:** da *Gazeta de Notícias*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2002.

SIQUEIRA, José Carlos. Eça ensaísta. 195p. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

**Recebido em: 26/02/2017**

**Aprovado em: 18/04/2017**